

Se for bizarro, melhor

Uma pesquisa mostra que ter dezenas de sapatos não basta. Elas precisam - precisam - de modelos especiais

Daniella Cornachione

Aroupa pode até ser a mais básica combinação de calça jeans e camiseta branca. Mas, nos pés, a cantora carioca Dani Calazans vai exibir sapatos de salto bem alto, talvez cor-de-rosa com bolinhas pretas ou textura que imita pele de animal. É assim que ela gosta de sair: com um calçado que acrescente pelo menos um toque selvagem à produção e que seja difícil de ver em qualquer outro pé. “Eu gosto de sapatos que chamem a atenção”, diz ela. Ultimamente, Dani tem tido mais opções, graças à tendência dos calçados de se tornar mais extravagantes nas cores, nos formatos, nas texturas e nos materiais. “Os sapatos femininos estão cada vez mais altos”, afirma Elizabeth Semmelhack, curadora do museu de calçados Bata Shoe, em Toronto, no Canadá. “Eles incorporaram referências da arquitetura e da arte.”

Uma pesquisa exclusiva feita pela consultoria de mídia Giacometti Comunicação, de São Paulo, que faz estudos de mercado e tem escritórios em sete cidades brasileiras, ouviu 400 mulheres e constatou que o sapato avançou em seu status de objeto de coleção. O importante já não é tanto a quantidade de pares no armário, mas sim o que cada um deles representa em termos de exclusividade. “As mulheres brasileiras estão com dinheiro na bolsa e sentem que podem ousar mais”, afirma Dennis Giacometti, coordenador da pesquisa. “O saltos estão ficando mais altos, as cores estão mais fortes e os modelos mais variados.”

O estudo da Giacometti, que incluiu visitas a casas de mulheres de idades e classes sociais diferentes, tentou entender a intensidade da relação entre elas e seus sapatos. Concluiu que as mulheres decidem com base no encanto instantâneo e no contato “pessoal” com seu objeto de desejo, exposto na vitrine (a pesquisa prévia e as dicas de amigas pesam pouco na decisão de compra). O salto alto (e cada vez mais alto) se mantém inabalável como símbolo de poder, elegância e sensualidade, recurso mágico capaz de alongar a silhueta e transformar a postura.

Por todos esses motivos, a maioria concordou que vale a pena suportar algum grau de sofrimento em nome da beleza. Para manter o desconforto em níveis toleráveis, as brasileiras estão adotando um truque já comum entre as americanas: levar um sapato confortável, leve e fino na bolsa, para os momentos do dia em que o uso do salto se torna impossível. “Isso não é mais só coisa de americana”, diz Giacometti.

As consumidoras bem informadas e exigentes têm pouca fidelidade por marcas e resistem a se enquadrar em um único estilo. Nas classes média e alta, a pesquisa encontrou mulheres satisfeitas com 20 ou 30 pares de sapato, um número compatível com apartamentos cada vez menores. Um ponto ainda preocupante foram os relatos de compras financeiramente mal planejadas, feitas como terapia contra estresse e tristeza. “Muitas mulheres com-

Da cabeça aos pés

Elas não fazem questão de quantidade. Mas querem sapatos que façam a diferença

O custo da beleza

76%

acham tolerável algum grau de sofrimento com o sapato, se for para ficar mais bonita

Amigas, amigas...

68%

precisam ver o sapato na vitrine para ter o impulso de compra. Dicas de amigas contam pouco na decisão

Estilo x liberdade

29%

das mulheres afirmam ter estilo definido. A maioria prefere não se comprometer e manter a liberdade para experimentar

COLEÇÃO

A cantora Dani Calazans e alguns de seus 40 pares de sapatos. Roupas podem até não ficar bem, mas sapato “sempre encaixa”



Faça o teste

Um questionário ajuda a entender qual é seu estilo de consumo em epoca.com.br



pram de acordo com seu humor”, afirma Giacometti. Até a inventora de tendências Madonna já declarou que usar um par de sapatos do estilista Manolo Blahnik é melhor do que sexo. Mas, no caso dela, é improvável que precise esconder a fatura do cartão de crédito do marido, como relatam algumas participantes do estudo.

Em 2011, as brasileiras terão de exercitar o autocontrole, porque as tentações vão aumentar. “Nunca tivemos tantas opções”, afirma a holandesa Liza Snook, curadora do site de sapatos Virtual Shoe Museum. Liza tem uma lista das principais tendências para este ano. “Teremos materiais novos, saltos ainda mais altos, mais cores e maior influência da arquitetura e da natureza e, finalmente, as plataformas – que eu adoro!”

Coleções como a do israelense Kobi Levi exploram essa vocação irreverente. Ele já criou sapatos em forma de escorregador e saltos que imitam chicletes pisados. Por essa extravagância ganhou destaque na vanguarda do design de moda. “Um sapato divertido é algo único, sofisticado e interessante”, diz. “Um sapato bacana, com um design particular, pode dar uma nova vida a qualquer tubinho preto”, afirma a designer de calçados femininos Andreia Chaves, conhecida pelos modelos espelhados, que ela chama de “sapatos invisíveis”.

A pesquisa da Giacometti tentou entender também por que os sapatos – e não outras peças da indumentária feminina – são objeto dessa paixão consumista. E descobriu pelo menos uma explicação razoável. As participantes da enquete se queixaram da dificuldade em encontrar roupas adequadas, que sirvam ao corpo e ao manequim de cada uma delas. O mesmo não acontece com os sapatos. Eles caçam tão bem as cheinhas quanto as magrinhas, as altas e as baixas. Sapato é mais democrático. “O tipo de corpo interfere no caimento da roupa”, diz a cantora Dani. “O sapato às vezes incomoda, apertada, mas sempre encaixa.” ♦

Com Luíza Karam